

MILAGRES
E
CURA DIVINA

Aníbal Pereira dos Reis
(ex-padre)

Edições Cristãs

ÍNDICE

Apresentação da Primeira Edição
Introdução
Qual a verdadeira religião?
Os vários tipos de milagres
Autossugestão, causa de muitas curas
Também fui um padre milagreiro
Satanás também faz milagres
E como se pode saber se o milagre vem de Deus
ou de Satanás?
A verdadeira cura divina
“Deixou a batina para se casar...”

.oOo.

APRESENTAÇÃO DA PRIMEIRA EDIÇÃO

Além de anunciar a Palavra de Deus, é da missão da Igreja, como “coluna e firmeza da Verdade” (1 Timóteo 3:15), defendê-la das soléncias inimigas.

No ministério de Paulo sobressai esta sua grande preocupação. Se depois de Jesus é ele o maior de todos os evangelistas, reconhece-se, outrossim, “posto para a defesa do Evangelho” (Filipenses 1:16). Desta missão é que lhe advinham enormes padecimentos, injustas incompreensões e malévolas preterições.

Ao invés de esmorecê-lo, as provas mais o acicatavam.

Nestes tempos ominosos, quando a apostasia, desbragada invade as áreas evangélicas e aveluda os responsáveis pela pregação vibrante da Bíblia, Deus, arrancar dos ergástulos do clericalismo, constituiu, além de apaixonado evangelista, o Dr. Aníbal Pereira dos Reis, em “perturbador de Israel” e “promotor de sedições”.

Apaixonado evangelista, percorre o Brasil de ponta a ponta semeando a gloriosa e preciosa Semente. Ousado e vibrante escritor, com sua pena rica de estilo e fluente de imagens literárias, desmascara o erro, adverte os sinceros e esclarece os iludidos. Sobranceiro às incompreensões de alguns, os implicados com a apostasia, arregimenta a simpatia dos honestos e é objeto das orações dos crentes piedosos e consagrados.

Temos agora o privilégio de, neste ano que marca o décimo aniversário de seu rompimento definitivo com a hierarquia católica de Roma, entregar ao público brasileiro o segundo livro de sua lavra.

O primeiro, “Pedro nunca foi papa! Nem o papa é vigário de Cristo”, lançado em começos de maio, é uma análise exegética dos textos escriturísticos arrolados pela teologia romana na pretensão de defender a autoridade papal.

E este, em oportuníssima hora apresentado, vem, com estilo popular e de leitura muito fácil, focalizar o assunto dos milagres e da cura divina. Assunto este responsável pela deturpação do Evangelho e pela confusão reinante em muitos corações.

Como editora, somos financeiramente limitados para lançar todos os originais nascidos da pena fecunda de nosso escritor. É essa a razão porque nos sentimos também impossibilitados de reeditar os seus livros já esgotados.

Apesar destas limitações de Edições Caminho de Damasco, o Dr. Aníbal Pereira dos Reis está entre os três escritores brasileiros mais lidos. Efetivamente, nestes dez anos de ministério evangélico, já publicou 21 obras, além das que se encontram na fila do prelo.

Louvamos a Deus por isso e graças Lhe tributamos.

Contamos, outrossim, com a Sua bênção a fim de apresentarmos ainda neste ano mais dois novos lançamentos.

Esta década de sua atividades evangelísticas e literárias confirma as palavras do cardeal Agnelo Rossi em carta (de 12 de novembro de 1971), dirigida ao atual arcebispo romanista de São Paulo, sr. Paulo Evaristo Arns, carta, aliás, do conhecimento geral por haver sido amplamente divulgada: “Como seu antigo professor e observador de suas atividades como seu bispo que fui, reconheço ser ele um dos sacerdotes mais cultos do Brasil. É invejável a sua enorme capacidade de trabalho. Inteligente, culto, é, ainda, teimosamente trabalhador. No momento, é o herege mais em evidência no Brasil e quem mais perturba o avanço do ecumenismo. Não fosse ele e muito mais já se teria conseguido. Os seus livros, além de suas pregações, vêm causando enormes dificuldades para os nossos planos aí no Brasil”.

Valemo-nos destas declarações dos seus próprios adversários reconhecedores do seu alto valor para, outra vez e com prazer renovado, apresentar o Dr. Aníbal Pereira dos Reis, autor dos livros por nós, com exclusividade, editados.

São Paulo, 12 de maio de 1975
Os Editores

.oOo.

INTRODUÇÃO -2

Compadeço-me até às entranhas ao verificar a ansiedade das multidões enfermas e subnutridas. De suas últimas forças tudo sacrificam em busca da cura para os seus males e da solução dos seus angustiantes problemas sociais e econômicos.

Apiedo-me ainda mais por observá-las vítimas indefesas de inescrupulosos mistificadores a acenar-lhes promessas de milagres e de prodígios.

Revolta-me o atrevimento dos embusteiros que, sob princípios religiosos e temas de credence popular se acobertam com intuito de se safarem das sanções legais.

Exaspera-me o cúmulo do desprazer por parte de muitos “pregadores” criminosos ao se apresentarem em nome do Evangelho para mistificar e burlar os aflitos.

O povo simples e humilde, ávido de libertação de suas dificuldades, nem se dá ao trabalho de refletir: Se estes propagandistas de portentos prometem tanto, por que não curam uma pessoa atropelada por um automóvel e atirada ao asfalto da estrada a se esvaír em sangue?

Era de se provar a eficiência de sua propaganda se, à imposição de suas mãos ou ao toque de suas águas fluidificadas, ou bentas, ou “oradas”, estancassem a hemorragia e o acidentado, lépido e saltitante, se pusesse de pé.

À nossa gente, sempre sujeita aos espertalhões, porém, falta a capacidade de refletir. E disso os embusteiros se aproveitam.

Com o propósito de alertar o povo e de desmascarar os trapaceiros manipulares da credulidade dos simples, resolvi escrever estas páginas.

Se escritas com revolta diante da exploração criminosa do nosso pobre e sofrido povo, repontam aqui e ali expressões severas no estilo de um Elias, de um Paulo Apóstolo. E de Jesus Cristo, cuja Palavra contundente foi chicote de fogo a vergastar os prepotentes e hipócritas fariseus, traficantes das coisas religiosas assentados na cátedra de Moisés.

Estas páginas, entanto, visam objetivo mais alto. Objetivam demonstrar qual é a verdadeira CURA DIVINA, enaltecer a Quem a pode proporcionar e incitar os seus leitores a se valerem, pela fé, de Jesus Cristo, como único e todo-suficiente Salvador.

Se a emoção da piedade permeia meus objetivos e se o brandir de objurgatórias fulmina os mistificadores, este livro foi escrito em oração. E, em oração, desejo que sua leitura alerte as consciências, conduzindo-as a Jesus Cristo, o nosso bendito Redentor, em cujo poder

se encontra a genuína e autêntica CURA DIVINA no mais portentoso milagre.

E a maravilha inexcelsível desse milagre é que ele é oferecido, indistintamente, a todos. E todos dele podem se apropriar.

Chegando o leitor até a derradeira página, constatará em que consiste a verdadeira CURA DIVINA e como obtê-la.

Obtendo-a, louvará a Deus, no usufruir de inefável e celestial alegria, decorrente da paz íntima com o Senhor e consigo próprio.

São Paulo, 12 de maio de 1975

Décimo aniversário do meu afastamento
do sacerdócio católico-romano

Dr. Aníbal Pereira dos Reis

.oOo.

2

QUAL A VERDADEIRA RELIGIÃO?

A essa pergunta cada um afirma ser a sua. O católico diz ser o catolicismo a verdadeira religião. O espírita, por seu turno, alega ser o espiritismo. O umbandista, de sua parte, assegura ser a umbanda. O budista assevera estar o budismo com a Verdade. O muçulmano defende a sua religião como a detentora dessa mesma Verdade.

Cada qual, enfim, proclama ser a sua a verdadeira religião.

E há ainda os que afirmam serem boas todas as religiões, embora se digam adeptos de uma.

Jamais encontrei alguém a dizer-se discípulo de uma religião falsa.

Como, porém, todas podem estar com a Verdade se cada uma segue princípios doutrinários diferentes e opostos?

O espiritismo, por exemplo, ensina ser Jesus Cristo um médium evoluído, enquanto outras negam essa doutrina.

O budismo desconhece o Deus por outros cultuado.

O maometano prefere as “revelações” de Maomé e rejeita os Evangelhos de Jesus Cristo.

Tendo cada uma doutrinas e dogmas diferentes, opostos e contrários, como poderão todas elas estar com a Verdade? Ou ter a Verdade de seu lado?

Se a metempsicose ou reencarnação fosse a Verdade, o espiritismo estaria certo, pelo menos neste aspecto, e as outras, erradas.

Se o culto de imagens é falso, as instituições dele praticantes incorrem em erro.

Pergunte-se, ainda, a cada adepto dessas religiões: **“Que prova você me dá de sua afirmativa quanto a ser sua religião verdadeira?”**

O budista, o muçulmano, o espírita, o umbandista, o macumbeiro, o católico, enfim, todos apresentam o MILAGRE como a grande e irrefutável prova.

O católico assegura: “A minha religião é a verdadeira porque nela há muitos e constantes milagres”. E então passa a narrar os milagres dos “santos” e das “senhoras” de sua devoção.

O espírita e o macumbeiro jamais se fartam de relatar os grandes prodígios acontecidos nos seus centros e nos seus terreiros. São as suas provas de que a Verdade se encontra no espiritismo ou na umbanda.

“Mas como poderia deixar de ser verdadeira a minha religião se nela acontecem tantos milagres, tantas maravilhas?”

Com efeito, o índico se julga seguidor da religião da vaca sagrada.

Lá na Índia, sim, senhores, a vaca é sagrada. É, portanto, cultuada. Já pensaram num cidadão de joelhos a rezar diante de uma vaca?

A vaca ali a ruminar o seu capim, baba espumosa a lhe correr pelos cantos da boca, a sacudir o rabo para espantar as moscas... E aqueles olhos arregalados, fixos no seu devoto prostrado a lhe rezar preces...

* * *

Ao tempo de padre, prosternava-me eu perante bonequinhos de gesso, de madeira ou de metal. Inertes. Sem vida. Com boca, mas sem falar. Com olhos, sem ver. Com ouvidos, sem ouvir. Com nariz, sem cheirar. Com mãos, sem apalpar. Com pés, sem caminhar. Mudos, apesar dois lábios rasgados em suas faces (Salmos 115.5-7).

* * *

E, de fato, a vaca na Índia faz milagres. Cura muita gente.

Todas as religiões produzem milagres. Todas elas! O catolicismo, o espiritismo, o maometanismo, o budismo, a umbanda, a macumba, o protestantismo.

Em todas ocorrem prodígios espetaculares.

A história de todas elas se repleta de milagres, curas prodigiosas de doenças, maravilhas surpreendentes.

Então, todas as religiões são verdadeiras porque em todas elas acontecem maravilhas?

Nesse caso, cada um siga a sua religião porque em qualquer uma, contanto que seja seguida com sinceridade e boa intenção, é válido por Deus em suas dificuldades e doenças?

.oOo.

3

OS VÁRIOS TIPOS DE MILAGRES

Acontece, porém, que há vários tipos de milagres. O primeiro deles é o milagre-mentira.

Divulga-se a notícia e o povo aceita. Aceita sem analisar. Sem refletir no absurdo da estória. Sem se informar em fontes seguras. “**Tudo mundo diz...**”, eis o argumento máximo de credibilidade.

Em certa cidade do Paraná, um padre resolveu ganhar muito dinheiro. E espalhou a notícia de que “nossa senhora” se encontrava no fundo de um poço cavado num lugar distante da localidade. Perto de um brejo, lá na roça. Propalou a burla. E convidou muitos dos seus fiéis a acompanhá-lo até ao poço.

Ele foi o primeiro a, perante a multidão ávida do sobrenatural, olhar para dentro da cisterna. E “viu” confirmada a sua “visão”.

“Nossa senhora” efetivamente lá se encontrava!

Fez um sermão. E afirmou: “Todos podem ver ‘nossa senhora’ menos quem tem pecado grave. Assim, quem tem maus desejos e maus pensamentos, não consegue ver. O marido infiel não vê. A mulher que, às vezes, pensa em outro homem também não vê. A namorada ou o namorado menos sincero com o seu parceiro não vê. Quem roubou qualquer coisa, até uma folha de papel na escola, ou uns gramas de

mercadoria não vê. E, para se ver bem, é preciso colocar uma esmola aqui [e apontou para uma enorme bandeja posta sobre uma mesa ao lado]. Quanto maior for a esmola, melhor se vê”.

É evidente que todos viam “nossa senhora”, porquanto todos estavam com a alma pura. Puríssima. Imaculada. Sem pecado algum. E é lógico que a bandeja ficou transbordante de esmolas.

Seriam estes donativos destinados à construção de uma capela naquele local em homenagem a “nossa senhora”. Muitas riomas se sucederam até ao poço milagroso.

Muito dinheiro caiu na bandeja.

Mas a capela jamais saiu. E o sacerdote ficou muito rico.

Doutra feita, em Apucarana, também no Paraná, um outro clérigo, numa missa de domingo, relatou um estupendo portentoso.

Contou que, na madrugada anterior, à porta do convento das freiras da localidade, puseram uma criança recém-nascida reclinada numa caixa de papelão.

Desesperado de fome, o nenê chorava a mais não poder. De certo, o desconforto lhe magoava as tenras carnes.

Depois de haver rezado, a madre superiora, inspirada por “nossa senhora”, teve uma ideia. Embora acamada por um mal súbito, encostou a boquinha da criança em seu seio. Sugando-o, ocorreu o grande milagre. Milagre nunca visto! Dos seios da freira saía leite!!!

E o povo foi convidado a agradecer o grande benefício de “nossa senhora”. E o povo foi...

Acontece, contudo, que a mãe do recém-nascido era exatamente a dita madre superiora e o pai, o tal padre, hoje bispo numa outra cidade paranaense.

Esses são os milagres-mentira.

Há, ainda o milagre a distância. Sempre se dá bem longe. Nunca debaixo dos nossos olhos. E o povo que gosta de ser enganado vai no conto-do-vigário.

Anos passados, pregando eu em Ouro Preto, Minas Gerais, ouvi a seguinte notícia: Uma mulher em Montes Claros, no norte do mesmo estado de Minas Gerais, porém muito distante de Ouro Preto, numa noite, sonhara com Nossa Senhora Aparecida e, no dia imediato, jogara no bicho. No macaco. E ganhara. Mas, para castigo, a Senhora Aparecida a transformara numa macaca. O delegado de polícia de Montes Claros prendera-a porque o povo se encontrava muito agitado. Era a notícia divulgada e acreditada em toda a zona de Ouro Preto.

Pois bem, na semana seguinte, fui pregar em Montes Claros. E, ao descer do avião, fui logo à cadeia pública porque queria ver a mencionada macaca. Isto é, a mulher que havia jogado no macaco quando sonhara com a Senhora A parecida.

Nem o delegado sabia da estória. Em Montes Claros, ninguém ouvira falar sobre tal fato. Tudo era onda criada pelos lados de Ouro Preto, onde o povo acreditava piamente na lorota.

As chamadas “vidas” dos “santos” estão repletas destes “fatos”.

Os milagres de Aparecida só acontecem bem distante. Nunca aí em sua luxuosa basílica. A própria “aparição” da imagem da “padroeira do Brasil” é uma mentira. O livro “A Senhora Aparecida”, de minha autoria, desmascara o embuste dessa “senhora aparecida”.

Um cidadão, desses “missionários” da “oração-da-fé”, fez, em Maringá, na noite de um domingo, um espalhafatoso movimento de curas (?) na praça central.

Após atender os correligionários da sua seita, foi dormir na residência de um dos seus mais devotos asseclas. A dona da casa, ouvinte assíduo do seu programa, na madrugadinha da segunda-feira, sintonizou a Rádio Tupi, de São Paulo. Lá estava o “missionário” a relatar os fatos da noite anterior acontecidos em Maringá. Informava da sua viagem durante a noite toda. Viera depressa porque ardia em desejos de contar aos seus ouvintes as maravilhas operadas por Deus poucas horas antes na cidade de Maringá. Quantas curas. Curas de câncer. Cegos enxergaram. Paralíticos andaram.

“Revelado pelo Espírito Santo”, em presença de uma multidão de 20 mil pessoas, curara muita gente. E recheava o seu relatório com fatos assombrosos...

Enquanto a Tupi transmitia o seu programa com a sua voz esganiçada, o seu corpo rechonchudo se refestelava na macia cama daquela casa em Maringá.

Gravara o programa na véspera da viagem...

Estupefacta pela espetacular paródia, acordou-o aos gritos a senhora da casa e o pôs na rua. Estremunhando de sono, a esfregar com as mãos a cara deslavada, escorraçado, saiu o “missionário” colhido em flagrante porque, afinal, a mentira tem as pernas sempre curtas.

Assim se divulgam muitos “milagres” ocorridos só na capacidade mistificadora dos espertalhões e nos relatórios mentirosos de certos programas radiofônicos.

Muitas pessoas, todavia, creem e, com isso, sustentam o embuste.

Aliás, o povo, via de regra, gosta de ser enganado. Por isso, “a propaganda é a alma do negócio”. Na televisão aparece a propaganda de qualquer panaceia e logo todo o mundo compra. Surge um burlador a contar lorotas e os crédulos cerram fileiras atrás dele. Foi sempre assim e será sempre!

.oOo.

4

AUTOSSUGESTÃO, CAUSA DE MUITAS CURAS

O nosso sistema nervoso se esparrama por todo o nosso organismo. Quando se corta a ponta de um dedo sente-se dor porque até lá chegam nossos nervos. Estes se comunicam com o cérebro e, como resultado, ocorre a sensação dolorosa.

Às vezes, a pessoa se machuca e só passa a sentir dor depois que vê o ferimento.

Diz-se até que não há doenças. Há, sim, doentes. E, por isso, para cada enfermidade existem tantos tipos diferentes de medicamentos.

Ao receitarem, os médicos, em geral, indicam vários ou muitos remédios exatamente para, sugestionando-o, levar o seu paciente a confiar naqueles produtos, motivo de mais fácil reação e recuperação.

Quanto mais difícil o provocar-se essa confiança, tanto mais problemática a cura.

As próprias pessoas dizem que confiam mais num doutor do que noutro.

O medicamento pode ser efficientíssimo e sobremodo indicado para determinado caso diagnosticado. Agora, se o seu invólucro for de cor amarela, por exemplo, e o paciente se antipatizar com o amarelo, de nada lhe valerá o remédio.

Certo cidadão reumático sentia-se sempre aliviado em suas crises com um produto à base de salicilato. Um dia, entrou numa farmácia para comprá-lo. Repugnou-lhe a fisionomia de seu vendedor. Fê-lo recordar-se de um antigo colega de escola primária de quem sofrera grave injustiça. Condicionado, ainda àquela velha emoção de ressentimento, sentiu ódio contra o inocente vendedor.

Tomou os comprimidos, sempre eficientes das outras vezes. Tornaram-se, de agora em diante, como resultado de sua mente bloqueada, completamente inúteis. A capacidade de sua mente se encarregara de bloquear a atuação do produto farmacêutico.

Somos assim. A nossa mente exerce enorme influência em nosso organismo.

Há, por isso, muitas doenças de fundo nervoso. Quase todas as úlceras estomacais têm essa origem. Há paralisias de idêntica procedência.

Conheço um pessoa que, de tanta raiva, ficou cega – literalmente cega – durante quatro dias. Quando lhe aliviou a crise emocional proveniente de série contrariedade, recobrou a visão.

Muitos enfermos se curam com a mudança de lugar.

Um rapaz sofria dolorosas crises asmáticas. No tempo de frio, então, os seus padecimentos atingiam o máximo. Mudou-se para São Paulo. E, apesar de todo aquele frio e aquela umidade da Paulicéia, está totalmente curado e sem qualquer tratamento. Saiu do ambiente onde alguma causa de origem psíquica levava o seu organismo a reagir sob o impacto daquele mal.

Embora ignorantes dessas coisas do psíquico humano, os curandeiros delas se valem ao apelarem para o sobrenatural, pois o sobrenatural mais facilmente desperta as emoções da confiança e o poder da sugestão.

Há muitas curas prodigiosas que nada têm de miraculosas. Resultam simplesmente do poder da auto-sugestão.

Inominável crime é o de se recorrer à sugestão, valendo-se de coisas religiosas para se propalar o valor de determinado “santo”, ou centro-espírita, ou “entidade”, ou igreja. Propagar-se um erro, promover-se um culto idólatra no intento de montar um ambiente propício à sugestão é crime de lesa-Verdade.

Em tempos passados, houve um “missionário” cujas atividades se caracterizavam por esse tipo de chantagem. Precedido de intensa publicidade, sempre contava com enormes multidões a ouvirem-no. Garantia a cura de todos os males. As pessoas induzidas e enfeitiçadas pela bombástica propaganda já se deixavam envolver pela sugestão.

Matreiro e finório, preparava alguns personagens de sua equipe para a encenação das curas. Um era “paralítico” e se apoiava em muletas. Outro, “cego”, escondia os seus olhos atrás de escuras lentes. Um terceiro conservava o braço enrolado em gazes encharcadas em mertiolate. A sua súcia era grande...

E, à hora aprazada, na praça anunciada, começava o espetáculo. Era a “tarde-da-bênção”. Oradores se sucediam. Aos berros, em curtos discursos, entrecortados de “aleluias” e “glórias”, contavam maravilhas sobre a “oração-da-fé” que, por “revelação do Espírito Santo”, fazia o “missionário-curandeiro”.

De propósito, o missionário-todo-poderoso chegava atrasado na “tarde-da-bênção”. Para ser recebido com o frêmito das multidões sacudidas pelas gritarias dos discursadores. Abriam-se-lhe alas entre o estrugir de palmas e brados histéricos. Subia ao palanque. Começava a

sua arenga. Em cada ocasião, conforme o ambiente, destacava o “caso” de um dos seus comparsas.

Quando lhe interessava, referia-se a um cidadão “cego”. Enfeitava a estória com mentiras sobre mentiras. O Espírito Santo lhe “revelava” a presença naquela imensa multidão de uma pessoa cega, por acidente, desde os 6 anos de idade. E inventava o enredo todo do acidente. A seguir, com voz tonitruante, espalhafatoso, clamava a Deus pela cura do “cego”. Lá pelas tantas da sua oração estardalhaçada e apalhaçada, o tal “cego” da sua súcia começava a gritar “aleluia” e “glória” e a bradar que estava curado. Que agora enxergava. Que Deus o havia curado.

O delírio atingia os paroxismos, as vascas do histerismo.

E, no vendaval de tamanha emoção, as pessoas traumatizadas pela sugestão se libertavam, pelo menos momentaneamente, de seus males ou da sensação deles.

Num encontro que tivemos, abordei-o sobre a imoralidade desse processo de mistificar o povo. Alegou-me o “missionário” ser o seu método muito útil para curar os oprimidos das doenças de origem psíquica. Impulsionados pela “cura” de alguém, os outros são estimulados a crer, disse-me ele.

Estaria bem se o fizesse sem apelar para o sobrenatural. Informou-me, porém, ser mais fácil suggestionar o povo apelando para a sua sensibilidade religiosa.

Além da mistificação, o seu crime está em se aproveitar do sacrossanto Nome de Jesus Cristo, desmoralizando assim entre os desiludidos o Evangelho.

Deus não precisa das nossas mentiras para promover a Sua causa.

Dificilmente acontece um crime isolado. Quase sempre o crime está circundado e implicado com outros crimes.

Naquele quadro de convulsões pitiáticas, o célebre “missionário” passava a falar sobre a pobreza. Afirmava querer Deus naquela hora abençoar todos os pobres ali presentes. Que Ele iria abençoar o dinheiro de cada um para que se multiplicasse. E se multiplicaria tanto a ponto de todos terem a sua casa, os seus belos móveis, o seu carro, as suas bonitas e muitas roupas...

E tudo em abundância e com muita saúde. Porque o nosso Deus é um Pai riquíssimo e quer que todos os Seus filhos o sejam também. Deus queria naquela hora multiplicar o dinheiro de cada um. Que cada qual, pois, tirasse do seu bolso e de sua carteira todo o dinheiro ali guardado. E o segurasse dentro da mão bem fechada. E quem assim não fazia, depois de haver ocorrido a “cura” de um “cego”?

À sua ordem, todos erguiam bem alto, para aproximá-la de Deus, a sua mão fechada a segurar o dinheiro.

Agora era a “oração-da-fé” para a multiplicação do dinheiro.

Em delírio, a multidão ouvia o clamor espalhafatoso pela multiplicação daquele dinheiro.

Lá pelo final de sua demagógica prece, o “missionário” dizia: Senhor, porque estas pessoas confiam em Ti, creem na Tua bênção... Porque elas têm fé que vais multiplicar esse dinheiro, cada um vai entregar agora todo ele, todo o dinheiro que tem encerrado em sua mão...

E quem retornasse ao bolso parte daquele dinheiro é porque não confiava em Deus. Em consequência, seria castigado...

E o povo todo jogava nas sacolas que, em grande quantidade e pressurosas, percorriam a praça dos milagres naquela “tarde-da-bênção”.

O cidadão hoje já não faz mais milagres e deixou a “cura divina” por se haver tornado arquibilionário. De antigo reles pedreiro meia-colher, reside agora num requintado palacete situado em luxuoso recanto de São Paulo a desfrutar de todas as regalias do dinheiro centuplicadamente multiplicado pelo seu crime de explorar a credulidade popular sempre propensa a suggestionar-se.

Hoje também se dá ao pedantismo de se dizer ecumenista, havendo, inclusive, vinculado o seu movimento ao apóstata Concílio Mundial de Igrejas.

Ao tempo em que eu era vigário em Guaratinguetá, apareceu na cidade o tal “missionário-curandeiro”. Havia uma senhora cancerosa aflita por recobrar a saúde. Recorrera já a todos os meios. Desiludida de tudo, resolveu permitir-se a ser tomada pela “onda” do milagreiro.

Levada praça pública, foi acometida da mesma crise histórica da massa. Lá pelas tantas, magnetizada pelo poder de sua própria sugestão na ânsia de ficar curada, pôs-se de pé e bradava estar completamente restabelecida. Sentia-se transformada. Novas forças se apoderavam de suas minguadas carnes de há muito estendidas no leito.

Seus filhos, embasbacados, atiravam nas salvas todo o dinheiro levado na oportunidade.

A “miraculada” senhora retornou a pé para sua casa. A cidade inteira se abalou com tantos milagres daquela “tarde-da-bênção”. A cura da cancerosa, porém, foi a maravilha mais impressionante. Todos queriam contemplá-la e tocar a miraculada. Fui visita-la. “Sô vigário”, dizia, radiante de júbilo, “o missionário mi curô com as proteção di Nossa Senhora Aparicida”. Reconheci o seu triste estado, mas, para não ser-do-contra naquele cenário de alegria incomum, nada disse. Nenhuma observação fiz.

Como há muito não acontecia, naquele anoitecer, a mulher se alimentou muito bem. Comeu de tudo do agrado de seu paladar. Estava milagrosamente curada!

Dois dias depois, porém, a mulher morreu!!!

Passara-lhe a crise histérica e o câncer, violento, fulminara-a...

O milagre antecipara-lhe a morte... O “missionário”, contudo, já estava bem longe, aplicando a fortuna que arrancara do pobre povo...

Na semana anterior à minha Campanha Evangelística na cidade de Montanha, nordeste do Estado do Espírito Santo, estive ali um dos seus curandeiros. Quase todos os doentes do lugar foram receber-lhe a “oração-da-fé”. Procure-se, todavia, algum miraculado.

Darei um doce do tamanho do globo terrestre se se encontrar um. Um só.

.oOo.

5

TAMBÉM FUI UM PADRE CURANDEIRO

Quanto mais emotiva a pessoa, tanto mais sugestionável. Se qualquer “missionário” ou padre-milagreiro, com truques e artimanhas, consegue eletrizar pelo histerismo uma massa popular, para se sugestionar um indivíduo isolado é mister observar-se a sua capacidade emotiva. E, de acordo com esta predisposição, às vezes criada pela própria enfermidade, há de se montar a encenação.

Conheci de perto alguns sacerdotes-curandeiros.

O frei Eustáquio, vigário em Poá, nas circunvizinhanças de São Paulo, falecido posteriormente em Belo Horizonte. Na década de 40 arrastou peregrinações procedentes de todas as partes até Poá. Visitou também algumas cidades em missão taumatúrgica.

Vi-o em Campinas quando por lá passou. Bem perto dele assisti o seu “milagre” de levantar um médico paralítico há 20 anos.

O padre Antonio Pinto, de Rio Casca, em Minas Gerais, com o cachimbão sempre pendente de seus grossos beiços. Sua fama transpôs os limites mineiros e os caminhões lhe levavam os devotos ávidos de

suas bênçãos prodigiosas. Se o frade de Poá executava seus prodígios no poder de “S. José” o vigário de Rio Casca fazia-os na “onipotência suplicante” da “Senhora das Graças”.

Um distribuía, a troco de esmolos, a medalha do patrono dos carpinteiros e o outro, a da “medianeira de todas as graças”, a cognominada “medalha milagrosa”.

E, no fim da década de 50 e começos da de 60, em Tambaú, interior do Estado de São Paulo, subiu à ribalta dos milagreiros o clérigo Donizetti. Este invocava em seus espetáculos de curandeiro a Senhora Aparecida a criar graves problemas de ordem financeira para a basílica de Aparecida do Norte.

Os padres de Aparecida, ao constatarem a sensível queda de romarias à basílica da padroeira, enfurecidos, clamavam pela sua rádio ser Aparecida do Norte a capital de “Nossa Senhora Aparecida”, a padroeira do Brasil. Deixar-se de ir a Aparecida para se ir a Tambaú era desprezar a verdadeira e prodigiosa imagem da “rainha”.

Por mais que clamassem os sacerdotes aparecidólatras, alarmados com a desastrosa redução de esmolos, o povo afluía em massa à cidade de Donizetti.

“Batizei” tanta criança com o nome Donizetti. Era Donizetti com dois tes. Donizete com um te só. Donizzetti com dois zes e dois tes. Donizetti com um zé só. Donisete com um s em lugar do z e e no lugar de i. Dunizete com u. Donizetti de todo jeito. Era Donizetti simplesmente. José Donizetti. Aparecida Donizetti. Aparecido Donizetti. Benedito Donizetti. Jânio Donizetti. Juscelino Donizetti. Cícero Donizetti. Miguel Arrais Donizetti. Brasília Donizetti. Até uma Semidocéia Donizetti. E uma Primeira Secundina Donizetti.

Ameaçou o bispo diocesano caçar-lhe a paróquia se continuasse a fazer os seus milagres. O astuto clérigo Donizetti nem se apoquentou. Sabia, contou-me, das ronhas do prelado. E continuou a, em nome da Senhora Aparecida, benzer as mazelas dos seus fiéis devotos.

Dias seguintes ocorreu o previsto. O padre-secretário do bispo chegou. Da parte do diocesano trouxera-lhe uma ideia. Camuflou-a como se fosse sua para adoçar s. excia o bispo. Aconselhou-o a conseguir um luxuoso carro, zero quilômetro. Presenteado, o antístite tranquilizar-se-ia e permitiria continuasse suas curas.

Presenciei todos estes fatos!

Da capital paulista chegara uma senhora, muito rica e vencida em sua amargura por ser sua filhinha de 8 anos, com as pernas atrofiadas e reduzidas a duas frágeis varetas, encolhida numa cadeira de rodas para onde a atirara, inexorável a paralisia infantil desde seus primeiros meses de idade.

Percebeu-lhe o finório sacerdote a opulência de riquezas. Pressentiu-lhe a generosidade diante do seu anseio maternal por ver curada a desditosa criança. Propôs-lhe: “Ofereça, em honra de “nossa Senhora Aparecida”, um automóvel novo ao sr. Bispo da diocese, e sua filha, por graça de tão misericordiosa protetora, curar-se-á. A oferta, porém, deve ser feita com toda a humildade e grande fé”, recomendou o padre.

Regressou incontinenti a São Paulo aquela mãe aflita. Comprou por alto preço um luxuosíssimo carro importado. Contratou um caminhão a fim de levá-lo ao bispo, pois queria entregá-lo zero quilômetro mesmo, em atenção ao pedido de Donizetti.

Alegrou-se o prelado com o valioso presente (?). Abençoou-lhe a filha paralítica o clérigo de Tambaú.

A pobre menina, contudo, voltou para casa na mesma cadeira de rodas com as pernas atrofiadas e finas como duas quebradiças varas. E a mãe sofredora?

À imitação de Eustáquio, de Antonio Pinto e de Donizetti, fiz minhas experiências milagreas. De uma coisa, porém, em Sua infinita misericórdia, me livrou Deus. Livrou-me de sugar o dinheiro das pessoas minhas clientes. Delas jamais aceitei um centavo sequer.

E se não me tivesse convertido ao Evangelho de Jesus Cristo, garanto que superaria a fama de qualquer um daqueles três colegas “milagreiros”. Se de tantas coisas ruins me livrou Deus, devo Lhe agradecer de me haver Ele libertado de tornar-me um embusteiro de marca-maior. Já basta o haver distribuído a hóstia de farinha de trigo apregoando, de acordo, aliás, com a minha própria crença de então, ser aquilo o próprio Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Cristo.

Relatarei apenas alguns fatos.

Chamado, certo dia, fui à casa de Deolinda. Há uns dez meses, fizera-lhe o casamento. Pelo recado recebido, supunha-a agonizante. Encontrei-a, no entanto, nas ânsias do parto. Nascer-lhe-ia o primeiro filho.

Muito pobre, ao marido fora impossível levá-la para a maternidade ou chamar um médico. Fora, ainda, obrigado a ir trabalhar, deixando sua esposa entregue aos cuidados de uma parteira mais curiosa do que prática.

Encontrei-a transida de medo. Toda encolhida na cama junto à parede. Subalimentada, a anemia estampara-lhe no rosto os primeiros sinais da morte.

A parteira, vencida em seus poucos recursos, se recolhera à desolação.

Avaliei, de imediato, todo o problema e a extensão do perigo. Senti também a grande oportunidade de fazer um grande milagre.

A vizinhança, ao ver-me chegar, espalhou, como sói acontecer nestas circunstâncias, a notícia da agonia da Deolinda. Os curiosos, em multidão, cercaram toda a casa. Ofegante, chegara o marido.

Nem se necessita de muita ciência para se saber que o medo contrai os músculos.

Quando se leva um susto, a gente se encolhe. Até o povo diz: De medo, o meu coração ficou deste tamanho...

E, com os nervos contraídos, como poderia nascer o pimpolho da Deolinda toda encolhida na cama?

Contei-lhe muita coisa engraçada. Fiz que ela risse bastante. E é evidente a conseqüente descontração dos seus músculos.

Ao perceber este pormenor, derivei o assunto da minha conversa para o terreno religioso. Falei-lhe do poder de “São” Geraldo nesse caso. É o padroeiro das mulheres nessa hora.

Quando a percebi totalmente descontraída, confiante em si e segura da proteção de “São” Geraldo, tirei do bolso da batina uma medalhinha do “santo” e, a meu pedido, a parteira colocou-a na roupa da Deolinda.

Após algumas orientações quanto ao parto, percebendo-o iminente, retirei-me, recomendando que me mandassem avisar assim que nascesse a criança.

Ao chegar à casa, já me aguardava o mensageiro. Nascera o filho da Deolinda. E grandão. “Batizei-o” oito dias depois e com o meu nome. E lá está o Aníbal a, em começo da adolescência, se mirar no espelho à procura dos primeiros fios da barba.

Mas, daquele dia em diante, era um tal de senhoras esperando nenê a me procurar para benzê-las com a reza de “São” Geraldo, que nunca mais tive sossego.

Entre grandes festas, vivas, palmas e o ribombar de fogos, benzi, num domingo à noite, um enorme crucifixo de 3,50 m de altura, cuja imagem, de tamanho natural, media 1,70 m, entronizando-o à direita da entrada do meu templo paroquial.

Na manhã seguinte, antes da missa, chamei à sacristia uma velhinha superdevota. Fechei à chave a porta e disse-lhe:

“Revelar-lhe-ei um segredo se me garantir nunca contá-lo a ninguém”.

Meio corcunda e a franzinada pela idade, esbugalhando os olhos acesos de curiosidade, pôs-se nas pontas dos pés e, sem pestanejar, disse: *“Eu juro guardar segredo. Conta, sô vigário! Conta!”*

Após haver-lhe insistido quanto ao compromisso de guardar a informação só para si, disse-lhe: *“O pó daquela imagem do Cristo crucificado é muito milagroso. Cura qualquer doença. Mas não pode contar a ninguém”.*

Jurou-me de pés juntos guardar o segredo.

Terminada a missa, chamei à sacristia uma outra devota acostumada a ficar longo tempo após a cerimônia litúrgica no cumprimento de suas devoções particulares.

Fechada a porta da sacristia, repeti a mesma insistência no sentido de silêncio.

Diante de sua promessa juramentada de guardar só para si a notícia, confidenciei-lhe: *“O pó daquela imagem do Senhor crucificado instalada ontem à entrada da igreja é muito milagroso. Cura qualquer pessoa de qualquer doença”*.

Dois dias depois, a cidade inteira sabia da notícia. As boas e devotas velhinhas guardaram o segredo?

Cada uma foi contá-lo às suas amigas mais íntimas e discretas. E cada amiga prometeu também guardá-lo. E assim, de revelação em revelação, de jura em jura, de confidência em confidência, a cidade toda tomou conhecimento da informação que, à boca pequena, corria de ouvido em ouvido.

Se uma pessoa deseja divulgar com rapidez uma notícia, basta chamar algum extrovertido, fofoqueiro e curioso. Verá o resultado. A coisa corre mais depressa e atinge uma região muito maior do que se fosse gritada no repórter do rádio.

Era o que eu queria naquela oportunidade. A notícia assim tem um sabor diferente e, no caso, suscita sugestão.

O fato, porém, é que dali a dois meses o meu Cristo crucificado estava sem canelas, sem os pés, sem os joelhos e com as coxas pela metade.

O povo, às furtadelas, com gilete, canivete e faca raspou-lhe todo o gesso, deixando nus os ferros da armação interna.

Para me divertir, escondia-me com o propósito de ver, entre 9 e 11 horas e à tardinha, aquelas mãos, receosas, olhando de soslaio para os lados, pé ante pé, entrando no templo e, com o máximo de cuidado e medo, de serem surpreendidas a raspar o gesso do crucificado...

E aquele gesso curou até dor-de-barriga. Até um reumático sentia, com a sua ingestão, alívio de suas crises.

Uma solteira, de seus 35 anos, doida para se casar, espalhou o pozinho nos cabelos e investiu sobre um viúvo. Tiro-e-queda! Casou-se. E com muita alegria, apesar de ter que cuidar dos seis filhos deixados pela finada.

Mas todo mundo, de modo particular quem se aproveitara do pó de gesso, censurava: *“Onde já se viu tamanho despropósito? Fazê aquilo com nosso Sinhô?”*

Os doces da Malvina, preta rechonchuda e asseadíssima, eram famosos na região. Só o pensar nas suas cocadas dava água na boca. E o seu doce de batata?

Tinha ela alguma mágica para imprimir aos seus doces aquela gostosura.

E quem conseguia descobrir? Enfermou a pobre Malvina. Doença séria. Até parecia “doença ruim” (câncer). Em sua perna direita estourou uma enorme e fétida ferida. Uma pústula.

Se grossas eram as pernas, a direita, então, dava medo.

Procurou tantos médicos. Ficara internada mais de dois meses no Hospital das Clínicas de São Paulo. Valera-se das devoções aos seus “santos” prediletos. Recorrera a médiuns famosos. Procurara os pentecostais de poder na oração. E nada...

Desolada, a coitada da Malvina piorava cada vez mais.

De tanto sofrimento as suas banhas se evaporaram. Só a perna direita continuava gorda. Gorda de inchaço. Inchada e feia. Feia e malcheirosa. Um horror!

Resolvi interferir para curar a apreciada doceira.

Fui visitá-la.

“Sô vigaro, mi adiscurpe. Num tenho mais aqueles docinho qui o sinhô gosta tanto. Óia minha perna. Já tô cansada. Quero morrê, sô vigaro... Só qui me dá pensão [preocupação, conforme o linguajar da região] é a minha mãe veinha... O sinhô veio aqui purquê vô morre?”

E se consumia em lágrimas a coitadinha.

Quando terminou o seu doloroso desabafo e as suas lamúrias, entrei no assunto: *“Malvina, mecê já ouviu falar nos poderes de “Santa” Rita de Cássia?”*

Não, a pretinha nunca ouvira falar dessa “santa”.

“É a ‘padroeira dos impossíveis’. É a solucionadora certa dos casos difíceis e intrincados. O que nem Deus pode resolver, dizem os seus devotos, a “santa” Rita infalivelmente resolve”.

Espantada com a novidade, grandes olhos arregalados de admiração e a beber as minhas informações, a Malvina ouviu o meu relato de tantos milagres, de curas prodigiosas operadas pela infalível “padroeira dos casos impossíveis”.

Vislumbrou-se em seu coração a possibilidade de curar sua perna prejudicada pela maldita chaga. A minha palavra reavivou e revitalizou em sua mente já conformada com seu triste fim, a ansiedade de sarar.

Relatei-lhe a vida da “santa”. Li-lhe trechos de suas orações muito milagrosas.

Ao percebê-la em estado de auto-sugestão, propus-lhe:

“Malvina, se mecê quiser, trarei aqui para o seu quarto uma imagem de “santa” Rita de Cássia e virei fazer a novena em honra dela. Garanto-

lhe sua cura completa. Só lhe proponho uma condição. Não tome mais remédio algum. Nem remédio de doutor”.

Anuiu à condição. E fez mais. Jogou fora todos os vidros de medicamentos e rasgou todas as receitas e bulas.

No dia seguinte, apareço eu com a prometida imagem da Ritinha. Um metro-e-meio de altura.

Admirou-se a enferma. Supunha levasse eu uma pequena imagem. Aí de uns trinta centímetros. Essa surpresa fazia parte de meu programa de sugestioná-la mais e mais.

A mesinha posta no quarto era para sustentar a estátua. Uma vizinha, coadjuvada por outras, trouxe uma mesa bem maior. Instalada a “santa”, perfilaram-se as velas acesas e os jarros de flores.

Por se chamar Malvina, era gostava de malva. E a malva, em suas latas enroladas em papel cor-de-rosa, lá se encontrava, espalmando suas verdes e rescendentes folhas.

Ela confiava no alecrim, cujos galhos foram convocados para arranjar melhor as rosas dentro dos vasos de vidro comum.

Abri minha valise. Revesti-me com a sobrepeliz. Arrumei a estola. Mandei encher de água a caldeirinha.

Folhee o ritual e benzi a água. Reza em latim. Impressiona mais. Um latim em voz alta, com entoação de discurso, cheio de **“miserere nobis”**.

Malvina, comovida, derramava abundantes lágrimas.

Benta a água, ajoelhado de frente da “santa”, no que fui seguido pelas mulheres curiosas, comecei as rezas do primeiro dia da novena. Entremeava a fórmula com exclamações improvisadas: **“Oh! “Santa” Rita, vós que sois a protetora dos aflitos, tende piedade da Malvina! Oh! “Santa” Rita, vós que sois infinitamente misericordiosa, curai a perna da Malvina, a vossa fervorosa devota”**.

E Malvina chorava de emoção.

Tudo fazia eu para despertar e excitar o poder da mente na pobre enferma.

Tomei um punhado de algodão, embebi-o na água benta e, contrariando todas as orientações de higiene, molhei a pústula. A doceira, na sua ingenuidade, se deixara sugestionar.

À sua casa fui as nove tardes seguidas para as devoções à “miraculosa santa”.

Já no fim da novena percebia-se o início do processo de cicatrização nas bordas da chaga.

É que, sugestionada, a mente de Malvina descarregava sobre a enfermidade toda a sua ânsia e certeza de ficar curada.

O poder da mente é extraordinário!

Um mês depois, saía de sua cama completamente boa da perna a Malvina para alegria dos apreciadores das suas deliciosas e dulçurosas guloseimas.

Dela jamais recebi um centavo por sua cura. Porém, nunca mais me faltaram os seus doces e as latas de malva. E à “santa” os seus inflados elogios.

Houve milagre?

Não!

Milagre teria sido se a ferida se fechasse instantaneamente.

Sua cura, contudo, demandou um processo lento de muitos dias. Foi o resultado do poder de sua mente sugestionada.

O próprio povo não diz ser preciso ter fé? Que a fé é que vale? A fé que cura?

Fé em qualquer coisa ou em qualquer personagem.

Pois bem, essa fé na fé é pura sugestão.

.oOo.

6

SATANÁS TAMBÉM FAZ MILAGRES

Há vários tipos de milagres. O de mentira. O acontecido lá muito longe. O causado por sugestão.

São milagres que, de milagres mesmo, nada têm.

Mas há ainda o milagre feito pelo diabo.

E o demônio tem poder para fazer prodígios? Para curar?

Tem, sim, senhores! E muito.

E seus prodígios são portentosos!

Perante um rei, Agripa, Paulo Apóstolo se referiu ao “*poder de Satanás*” (Atos 26.18).

A Bíblia, Palavra de Deus, afirma que o iníquo vem “*segundo a eficácia de Satanás, com todo o poder, e sinais e prodígios de mentira*” (II Tessalonicenses 2:9).

“*E não é maravilha, porque o próprio Satanás se transfigura em anjo de luz*” (II Coríntios 11:14).

* * *

A Bíblia é o Livro santo de Deus!

Como Livro santo de Deus, ela é o mais humano de todos os livros. Expõe a descoberto a miséria do pecador para enaltecer e enfatizar a misericórdia de Deus.

E por que ela nos fala sobre o poder do diabo?

Precisamente para ressaltar o Poder de Deus.

O Poder de Deus, infinitamente superior.

Conta-nos prodígios do maligno exatamente para nos demonstrar serem eles contrafações dos verdadeiros prodígios de Deus. E nos adverte que, com suas maravilhas, o diabo pretende perturbar os planos do Senhor quanto à salvação dos pecadores e à santificação dos salvos.

Exemplo frisante desta nefasta atuação encontramos no episódio registrado em Atos 13.6-12: *“E, havendo atravessado a ilha de Pafos, acharam um certo judeu mágico, falso profeta, chamado Bar-Jesus, o qual estava com o procônsul Sérgio Paulo, varão prudente. Este, chamando a si Barnabé e Paulo, procurava muito ouvir a Palavra de Deus.*

Mas resistia-lhe Elimas, o encantador (que assim se interpreta o seu nome), procurando apartar da fé o procônsul.

Todavia, Saulo, que também se chama Paulo, cheio do Espírito Santo, e fixando os olhos nele, disse: Ó filho do diabo, cheio de todo o engano e de toda a malícia, inimigo de toda a justiça, não cessarás de perturbar os retos caminhos do Senhor?

Eis aí, pois agora contra ti a mão do Senhor, e ficarás cego, sem ver o sol por algum tempo. E, no mesmo instante, a escuridão e as trevas caíram sobre ele e, andando à roda, buscava a quem o guiasse pela mão.

Então o procônsul, vendo o que havia acontecido, creu, maravilhado da doutrina do Senhor”.

Paulo Apóstolo fora pregar o Evangelho a um varão prudente, Sérgio Paulo, governador da ilha de Chipre. Este cidadão se inclinava a aceitar a mensagem de Deus por constatar lógica na exposição do Apóstolo.

Embaraçava-lhe, todavia, um feiticeiro, um macumbeiro, com seus milagres, *“procurando apartar da fé o procônsul”.*

É o propósito do diabo com as suas maravilhas e as suas curas. Intenta dificultar a compreensão verdadeira do Evangelho a fim de conservar o pecador na incredulidade e na escravidão ao seu poder infernal.

Paulo, então, com aquele santo atrevimento do seu ardor missionário, voltando-se para o prodigioso milagreiro, bradou-lhe: *“Ó filho do diabo, cheio de todo engano e de toda a malícia, inimigo de toda justiça, não cessarás de perturbar os retos caminhos do Senhor?”* (Atos 13.10).

* * *

Imagine-se hoje um pregador evangélico com essa ousadia!

Seria degolado pelos próprios evangélicos...

Os tempos mudaram! E como mudaram!

Só o diabo não mudou... ERle contiunua a escravizar as almas. Almas preciosas que, aos milhões, se perdem cada dia no inferno...

* * *

Satanás faz maravilhas com o intuito de “*perturbar os retos caminhos do Senhor*”. Para que o pecador continue agrilhado à feitiçaria, à idolatria, aos erros religiosos... Longe de Deus. Sem se arrepender e sem confiar em Jesus Cristo como seu único e todo-suficiente Salvador.

Para endurecer o coração do Faraó do Egito, Satanás fazia portentosos prodígios (Êxodo 7 e 8).

Ê ainda para endurecer o coração do pecador que o demônio continua a fazer os seus milagres e a curar doenças.

A grande maioria dos pecadores só procura na religião a cura de suas doenças e a solução dos seus problemas materiais.

Quem se interessa pela salvação de sua alma?

O próprio Jesus recriminou tanto os judeus do Seu tempo por esse motivo.

Muitas pessoas oferecem a sua alma ao diabo, contanto que lhes cure as enfermidades.

Uma mulher, dessas bem gordas e espalhafatosas, viajava num ônibus em São Paulo e comentava com a sua companheira, em voz bastante alta para todos os passageiros ouvirem:

“Pois é, sou obreira da Igreja Pentecostal. Fui batizada nas águas. Depois fui batizada no Espírito Santo e tenho o dom de línguas e do de profecia. Ajudo muito o pastor. Há cinco anos estava muito doente e o pastor me curou. Por isso me batizei e comecei a cooperar muito. Mas agora estou doente outra vez e o pastor não é mais capaz de me curar. Por isso estou indo no terreiro de umbanda. O que vale pra gente é a saúde. Preciso ter saúde e vou procurar em qualquer parte”.

Entregaria sua alma ao diabo, contanto que se visse livre de seus achaques!

E o diabo pode curar?

Em alguns casos, sim!

E porquê?

“*Para perturbar os retos caminhos do Senhor*”. Para prejudicar a salvação eterna do pecador. Por isso não compensa ser curado pelo diabo. O preço que ele cobra é muito alto. Não vale a pena!

Em todas as religiões criadas pelos homens há prodígios e milagres por causa do interesse do diabo, sempre preocupado em prejudicar o pecador.

Então, seriam boas todas as religiões? Seriam todas elas certas?

Evidentemente que não! Embora todas pronunciem o Nome de Deus, nem todas são boas porque nem todas são certas, segundo Deus.

O próprio Jesus disse: “*Nem todo o que Me diz: Senhor, Senhor! Entrará no Reino dos Céus, mas aquele que faz a vontade de Meu Pai, que está nos céus*” (Mateus 7.21).

O pronunciar-se o Nome de Deus, portanto, é insuficiente. É preciso também fazer-se a vontade de Deus, conforme o que está na Bíblia, a Sua Palavra.

No espiritismo se diz muito o Nome de Deus e o espiritismo é mau porque contraria a Soberana vontade de Deus.

Há ainda outra Palavra de Deus, nosso bendito Redentor, que desfaz a idéia de que o milagre prova ser verdadeira qualquer religião.

Falando a respeito do dia do juízo, Ele afirmou: *“Muitos Me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em Teu Nome? E em Teu Nome não expulsamos demônios? E em Teu Nome não fizemos muitas maravilhas?”*

E então lhes direi abertamente: Nunca vos conheci; apartai-vos de Mim, vós que praticais a iniquidade” (Mateus 7.22-23).

Utilizam-se em seus prodígios e milagres até do Nome sacrossanto de Jesus. E Jesus, no dia do juízo, os desconhecerá e os mandará para a perdição eterna porque andaram longe dos caminhos do Senhor.

O milagre, portanto, nem sempre prova ser verdadeira uma religião porque pode ele ter sido feito no poder de Satanás.

.oOo.

7

E COMO SE PODE SABER SE O MILAGRE VEM DE DEUS OU DE SATANÁS?

É muito fácil! Se a cura da doença, ou o milagre, ou a “graça”, como diz o povo, ou a bênção, foi pedida de acordo com a vontade de Deus registrada na Bíblia, a única e exclusiva Fonte da Revelação e, por isso, a nossa única Regra de Fé e Prática religiosa, é evidente que veio de Deus. A Bíblia, Palavra de Deus, registra a Sua Revelação, os Seus Preceitos e a Sua Soberana Vontade.

Se o prodígio foi solicitado contrariando os Santos Mandamentos do Senhor e se acontecer, então, não veio de Deus. Veio do Diabo!

Veio do Diabo apesar de haver a pessoa invocado o Nome de Deus e Lhe haja feito orações, e até lido textos das Sagradas Escrituras.

É o caso de se lembrar outra vez a Palavra de Cristo: *“Nem todo o que Me diz Senhor, Senhor! Entrará no Reino dos Céus, mas aquele que faz a vontade de Meu Pai, que está nos céus”* (Mateus 7:21).

Citarei, para melhor facilitar a compreensão, dois exemplos:

1º) Deus condena – e condena vigorosamente – a invocação do espírito, da alma de quem morreu.

Em Deuteronômio 18:10-12, o Senhor é taxativo: *“Entre ti se não achará quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro, nem encantador de encantamentos, nem quem consulte um espírito adivinhante, nem mágico, NEM QUEM CONSULTE OS MORTOS; pois todo aquele que faz tal coisa é abominação ao Senhor, e por estas abominações o Senhor, teu Deus, as lança fora de diante de ti”*.

Consultarem-se os mortos é abominação, é iniquidade. É violar frontalmente uma proibição divina.

Dispensa-se a transcrição de outros textos em abundância nas Sagradas Escrituras em vista da clareza dos versículos acima exibidos.

Ora, o espiritismo, a umbanda e a macumba se caracterizam pela invocação dos mortos.

Por conseguinte, são religiões abomináveis ao Senhor.

Aqueles portentos dos terreiros de umbanda e dos centros espíritas procedem do Diabo. Aliás, um ramo da umbanda (a quimbanda) se destaca pelo culto aos exus, ou demônios.

Nas sessões espíritas pronuncia-se o Nome sacrossanto de Deus e, às vezes, leem-se passagens bíblicas. Mas isto não as exime de serem obra do inferno, porque Satanás também fala o Nome de Deus e estremece (Tiago 2:19). Aproveitou-se ele de textos bíblicos para tentar Jesus (Mateus 4:6).

Zé Arigó se distinguiu pela sua fama de taumaturgo. Multidões e multidões acorriam a Congonhas do Campo, Minas Gerais, em busca de cura dos seus males físicos.

E o trabalho de Arigó se realizava pela invocação do espírito de um médico alemão, um tal de dr. Fritz, falecido há não sei quantos anos.

Aquelas curas, aparentemente prodigiosas, quando não procediam de sugestão, eram produzidas pelo Diabo.

Aquelas multidões, embora ignorantes e sofredoras, cometiam iniquidade diante de Deus e se tornavam diante dEle em abominação.

Um cantor atual que, ao tempo de criança, conheceu o Evangelho, encontrou no feiticeiro de Congonhas do Campo a cura de um mal para o seu filho e se tornou espírita militante. Perturbou-lhe Satanás, com isso, os retos caminhos do Senhor⁴.

O que é ainda o culto aos “santos” senão essa mesma invocação dos mortos, por Deus abominada?

O “santo” Antonio já morreu. A “santa” Rita também. Aliás, o papa só canoniza defuntos.

Fazer-lhes devoções é invocar-lhes o espírito. Nesse caso, é abominação ao Senhor.

Se alguém, portanto, por meio da devoção a um “santo” obtiver uma chamada “graça”, esta veio do demônio e não de Deus.

Já se constata também este ponto de contacto entre o catolicismo e o espiritismo. Ambos também, neste aspecto, são abominação ao Senhor.

Torna-se oportuna a pergunta: *“A religião, por invocar espíritos do além, transgressora, portanto, do preceito divino, será, porventura, uma boa religião?”*

Não! Não é boa religião! É, sim, abominação ao Senhor.

2º) Outro exemplo de maneira iníqua de se pedir uma “graça” ou prodígio ou a proteção do Alto é através do culto a imagens.

Deus rejeita com extremo vigor este culto.

O segundo preceito do Decálogo, de acordo com Êxodo 20:4-6, assim se enuncia: *“Não farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não te encurvarás a elas, nem as servirás; porque Eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a maldade dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração daqueles que Me aborrecem, e faço misericórdia em milhares aos que Me amam e guardam os Meus mandamentos”.*

Deus proíbe a fabricação de imagens e o culto a elas prestado. Até o encurvar-se diante delas Ele proíbe. E o prostrar-se, então?

Rodeá-las de flores e acender-se velas diante delas não serão formas de lhes tributar culto? De servi-las?

A Bíblia se recheia de versículos contundentes na condenação a esse maldito culto, chamando-o de mentira, vaidade, adultério, prostituição e idolatria.

João arremata a sua magnífica Primeira Carta com o seguinte clamor: *“Filhinhos, guardai-vos dos ídolos”* (5:21).

O cristão, de modo algum, sob pretexto algum, apoiado em sofisma algum, pode aceitar ou praticar o culto e a devoção às imagens. Deve ele fugir delas, pois são ídolos.

Praticá-los é adulterar. É prostituir-se.

Todas as religiões montadas pelos homens adotam o maldito culto de imagens. No Brasil, a umbanda e o catolicismo, afins também neste ponto, são especialistas em sua hedionda promoção.

Se alguém conseguir a cura de uma enfermidade ou se obtiver qualquer outro portento, saiba que não procedeu de Deus, mas do Diabo.

Essa pessoa foi favorecida pelo demônio, sempre interessado em perturbar os retos caminhos do Senhor e sumamente interessado em conservar agrilhoadas as pobres almas ao seu infernal poder. Jamais Deus poderia atender a alguém que, para implorar Seu favor, se valesse de uma iniquidade. Se assim fizesse, não seria um Deus de retidão, de verdade, de santidade. Negar-se-ia a Si próprio.

Mas, se alguém, com toda sinceridade de alma, valer-se de uma imagem em suas devoções?

Nós, pecadores, acaso aceitamos a sinceridade no erro?

Se nós repelimos esse tipo de sinceridade, por que Deus há de aceitá-lo?

Quando alguém faz uma grande compra a um comerciante amigo, honesto a toda prova, e, por engano ou erro de soma na conta, lhe cobra cem reais a mais, vai reclamar a devolução do dinheiro cobrado acima do valor certo, apesar de reconhecer a honestidade do comerciante.

Deus, evidentemente, muito mais do que nós, por ser a própria Santidade infinita, jamais poderá aceitar a sinceridade no erro.

Ele é a Verdade!!!

Ele é o Senhor!!!

Ele estabeleceu a proibição de se invocarem os espíritos dos mortos e de se prestarem devoção e culto às imagens. Devemos obedecê-LO! É Ele o Senhor! O Nosso Senhor!!!

.oOo.

8

A VERDADEIRA CURA DIVINA

É razoável e justa a preocupação pela cura dos males físicos. Jesus imprimiu em Seu ministério público a preocupação pelos

enfermos e a tantos miraculou. A quantos paráliticos deu o caminhar! A quantos cegos recobriu a visão! A quantos curou!

Deus, em Seu maravilhoso poder, atribuiu poder curativo a muitas plantas, a muitos sais minerais, a muitos produtos da natureza. Concedeu ao Homem a inteligência para se dedicar em descobrir recursos capazes de lenir-lhe as dores.

Deus, o nosso supremo Criador, se revela interessado na cura do corpo humano, combalido pelo pecado, por ser ele o relicário da alma.

O corpo integra a personalidade do Homem. Em conseqüência, ele participa dos benefícios da Redenção. E participará supremamente com a sua ressurreição.

Agora, para que esta magnífica realidade aconteça, é preciso que desde já a alma do Homem pecador seja curada.

Curada da pior das doenças, que é o PECADO.

Sublata causa, tollitur effectus (removida a causa, cessa o efeito) é o princípio lógico transformado em aforisma.

Patenteia-nos a evidência, portanto, a remoção das enfermidades quando o pecado é extinto.

Como terrível lepra da alma, o pecado causa ao corpo profundo e trágico desequilíbrio. Desequilíbrio a culminar com a morte. *“Pelo que, como por um homem entrou o pecado no mundo, e PELO PECADO A MORTE, assim também a morte passou a todos os homens, por isso que todos pecaram”* (Romanos 5:12).

Enganam-se as pessoas mui preocupadas com o lenir seus males físicos, esquecendo-se de procurar sua salvação espiritual.

De certa feita, revela-nos Marcos 2:1-12, puseram, após uma peripécia, um pobre parálitico na presença de Jesus. Voltando-se para ele, disse-lhe o Redentor: *“Filho, perdoados estão os teus pecados”* (v. 5).

Fora ele buscar energias para suas pernas atrofiadas. Cura-lhe Jesus a alma do pecado, por lhe ser a causa do grande mal e, como resultado, revitalizam-se-lhe as pernas.

Jesus Cristo, quando em carne, neste mundo propiciou a cura de muitas enfermidades. Realizou prodígios e maravilhas espetaculares sobre as forças da natureza.

Aliás, o milagre, milagre mesmo, legítimo, autêntico, só Jesus faz. O diabo não pode fazê-lo. Nenhum médium, nenhum “santo”, nenhum mistificador o faz.

Quero ver a Senhora Aparecida ou qualquer dessas “senhoras” colocar uma perna de ossos, nervos e carne no lugar de uma amputada!!!

Quero ver um médium espírita instalar no lugar de um vazado, um olho bom!!!

Zé Arigó arrancou catarata dos olhos de alguns, mas nunca – JAMAIS!!! – ele recuperou uma vista prejudicada por lhe haver secado o nervo ótico!!!

Quando eu era vigário em Guaratinguetá, uma jovem senhora, professora, de família abastada, católica fervorosa, defrontou-se com um terrível problema. Sentia enfraquecer-se-lhe rapidamente a visão. Procurou um especialista de olhos. Feitos os exames solicitados, constatou-se a causa do sintoma. Secava-se-lhe lentamente o nervo ótico. Submeteu-se a senhora a todos os tratamentos. Recorreu a muitos médicos. Após haver feito e cumprido promessas aos “santos” de sua devoção, frustrada em todas as tentativas, procurou-me para expor sua última esperança: ir consultar a Zé Arigó, cuja fama enchia o mundo.

Acompanhei-a e a seu marido a Congonhas do Campo.

Zé Arigó, capaz de extrair catarata, foi um fracasso no caso dela. Ao ser informado da gravidade do problema, esquivou-se, deu um punhado de desculpas, choramingou... E ficou no “vamo-vê”...

Desesperançada, regressou para casa a jovem senhora. Semanas depois entrou irreversivelmente nas trevas da cegueira.

Por que não a curara Zé Arigó?

O Milagre – o milagre autêntico, verdadeiro, o milagre, milagre mesmo – nem a Senhora Aparecida, nem os padres milagrentos, nem os mistificadores da “oração-da-fé”, nem Zé Arigó, nem “santo” algum faz.

Nem a sugestão!!!

Nem o Diabo!!!

O milagre autêntico, verdadeiro, só Deus faz.

Jesus faz por ser Ele Deus! Aleluia!!!

O próprio Nicodemos, doutor da Lei, reconheceu-Lhe a origem divina à vista dos Seus sinais: *“Rabi, bem sabemos que és Mestre, vindo de Deus: porque ninguém pode fazer estes sinais que Tu fazes, se Deus não for com ele”* (João 3:2).

Fez Ele muitos e estupendos milagres. E continua a fazê-los. Qual é o crente nEle que já não teve experiências gloriosas da manifestação do Seu poder?

Por isso, nós, Seus servos, nos valemos dEle, mas sempre firmados incondicionalmente na Bíblia, a Palavra de Deus.

Dentre Seus inauditos e admiráveis portentos, não sei qual é o maior, se a multiplicação dos pães para a grande multidão (João 6:1-13) ou a assombrosa ressurreição de Lázaro, morto há quatro dias (João 11:1-45).

Mas de uma coisa eu sei: O perdão dos pecados é o mais insólito milagre. Infinitamente superior aos da multiplicação dos pães, porque, aqueles que os comeram, depois tiveram de novo fome. Infinitamente

superior ao da ressurreição de Lázaro porque, posteriormente, Lázaro tornou a morrer. Infinitamente superior porque livra a pessoa perdoada da condenação eterna.

O Seu perdão é um milagre infinitamente superior a todos os de ordem física e natural, porque é absoluto. Pleno. Definitivo. Irrevogável. E de repercussões eternas!

Nenhuma religião faz este prodígio. Esta maravilha.

Nenhuma religião perdoa pecados. Nenhuma!!!

Nem o espiritismo e nem o umbandismo, que apelam, como fajuta válvula de escape, para a reencarnação.

Nem o catolicismo que, no seu rotundo fracasso, recorre à burla do purgatório, “a cozinha dos padres”, como eles próprios o classificam.

Fui sacerdote católico romano por mais de 15 anos. E, dentre as minhas atividades, sobressaía-se a do confessor. Ouvi centenas e centenas de milhares de confissões. Houve dias de permanecer 14 ou 15 horas dentro de um confessor.

Pessoas de todas as idades, de todas as categorias sociais, de todos os níveis intelectuais prostraram-se aos meus pés declarando-me seus pecados, no anseio de encontrar perdão.

Quantas vezes misturei minhas lágrimas com as lágrimas dos meus aflitos penitentes.

Com minha consciência perante Deus, declaro com absoluta convicção: jamais algum dos meus confessandos saiu do meu confessor seguro do perdão pleno. Nunca!!!

Só ao me recordar disso, sinto-me invadido por profunda emoção e imensa piedade de todas aquelas pessoas.

No seminário católico, o padre aprende, todavia não ensina ao seu povo – e, se ensinasse, ninguém mais o procuraria em confissão – o padre aprende que no confessor ele pode perdoar só a culpa ou a malícia do pecado. Ele não pode perdoar a pena do pecado ou o castigo devido ao pecado.

Embora perdoado da malícia, o penitente deve satisfazer, com rezas, penitências e boas obras pelos seus pecados confessados, ao sacerdote. E as sobras deste débito ele as pagará com inenarráveis sofrimentos nas chamas do purgatório.

O perdão do padre é um meio-perdão. E meio-perdão é logro.

O perdão ou é pleno ou não existe.

Afirmam muitas pessoas ressentidas: perdão mas não esqueço.

Se não esquecem é porque não perdoam.

O perdão de Deus, contudo, é pleno. Completo, Definitivo. Absoluto. Irreversível.

Àqueles que, pela fé, aceitam a Jesus Cristo como único e todo-suficiente Salvador, segundo as Santas Escrituras, Deus promete e

garante: *“Jamais Me lembrarei dos seus pecados e das suas iniquidades”* (Hebreus 10:17).

Já através do Seu servo do passado mui antigo, com solene ênfase, asseverava o Senhor: *“Eu, Eu mesmo, sou o que apago as tuas transgressões por amor de Mim, e dos teus peados Me não lembro”* (Isaías 43:25).

É a resposta misericordiosa do amor infinito ao salmista contrito: *“Não Te lembres dos pecados da minha mocidade, nem das minhas transgressões”* (Salmos 25:7).

Deus é onisciente. Ele conhece, num só tempo, todas as coisas do passado, do presente e do futuro. Em Deus, aliás, não há o pretérito e nem o porvir. Em Sua eternidade, tudo é um perene presente.

Para nos significar como é definitivo o Seu perdão, porém, afirma que se esquecerá dos nossos pecados se satisfizemos a única condição de, arrependidos, acertarmos pela fé – exclusivamente pela fé, sem, portanto, o concurso das obras – a Jesus Cristo como ÚNICO E TODO-SUFICIENTE, EXCLUSIVO E ETERNO SALVADOR.

Por meio de Isaías, no propósito de nos revelar a absolutidade do Seu perdão, garante: *“Desfaço as tuas transgressões como a névoa, e os teus pecados como a nuvem”* (Isaías 44:22).

Só Deus pode apresentar-nos tão inefável promessa porque só Ele pode perdoar pecados.

Quando Jesus disse àquele paralítico: *“Filho, perdoados estão os teus pecados”*, os Seus adversários zombaram dEle. Dentre as zombarias, contudo, proclamaram uma grande verdade: *“Quem pode perdoar pecados, senão Deus?”* (Marcos 2:7).

E, para provar-lhes o Seu poder infinito de perdoar pecados, como Deus, disse-lhes: *“Qual é mais fácil? Dizer ao paralítico: Estão perdoados os teus pecados; ou dizer-lhe: Levanta-te, toma o teu leito e anda?”*

Ora, para que saibais que o Filho do homem tem na terra poder para perdoar pecados (disse ao paralítico), a ti te digo: Levanta-te, toma o teu leito e vai para tua casa” (Marcos 2:9-11).

Em cada prodígio realizado por Jesus há um sinal, um ensinamento. Quando multiplicou os pães para a grande multidão, de resto, recriou-a por deixar de reconhecer o estupendo sinal do portentoso (João 6:26).

O milagre da cura do paralítico, portanto, oferece séculos em fora o precioso sinal do poder divino de Jesus Cristo de perdoar pecados. De realizar o maior de todos os prodígios, qual seja o do perdão pleno, definitivo, irrevogável e absoluto dos pecados.

A humanidade, como nunca, precisa da CURA DIVINA porque, como nunca, padece as consequências do pecado.

Os médicos mais procurados são os psiquiatras, os neurologistas, os analistas, os psicólogos. Jamais em outro tempo os homens padeceram de tão graves distúrbios e desequilíbrios emocionais. Nunca houve tanta insônia. Tanta angústia. Tanto desespero.

Os tranquilizantes, os psicotrópicos são consumidos em escala alarmante e ascendente. E, quanto mais a pessoa se vale desses recursos, mais decepcionada se torna. Aflige-se cada vez mais. Porque todos esses meios são ineficazes.

De nada vale ao homem o sofá do analista. De nada lhe vale o eletrochoque. De nada lhe vale a sonoterapia. Jamais encontrará tranquilidade nos frascos de comprimidos.

A raiz de todos esses males é o pecado que os “entendidos” chamam de complexo de culpa porque “não quiere dar o braço a torcer” ao chamar pelo nome verdadeiro de PECADO tamanha desgraça.

E só Quem pode eliminar, extirpar, arrancar esse maldito câncer espiritual do coração humano é Jesus Cristo, cujo sangue nos purifica, nos purga, nos lava de todo pecado (I João 1:7).

* * *

Se, ao terminar este livro, esclarecido, o leitor arrepender-se e aceitar pela fé a Jesus Cristo como o seu único e todo-suficiente Salvador, receberá em seu coração a genuína CURA DIVINA, com o perdão de todos os seus pecados.

E, convicto desse perdão, passará a gozar da certeza absoluta, inabalável, de sua salvação eterna, consoante a gloriosa promessa do Redentor: *“Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo aquele que nEle crê, não pereça, mas tenha a vida eterna”* (João 3:16). *“Quem crê nEle não é condenado; mas quem não crê já está condenado”* (João 3:18).

.oOo.

9

“DEIXOU A BATINA

PARA SE CASAR...”

Deixei definitivamente o sacerdócio romanista no dia 12 de maio de 1965, após havê-lo exercido durante quinze anos e meio. Prestei-lhe neste período, larga folha de serviços. Em minha biografia: **“ESTE PADRE ESCAPOU DAS GARRAS DO PAPA”** relaciono farta documentação a fim de demonstrar meu devotamento à causa do Vaticano e a minha integridade moral como padre.

Abandonei o ministério sacerdotal por uma única razão. É que me converti a Jesus Cristo, aceitando-O como único e todo-suficiente Salvador. Em resultado, decidi pautar minha vida exclusivamente pela soberana vontade de Deus, registrada na Bíblia, a única Fonte de Revelação Divina e, por isso, a nossa exclusiva Regra de Fé e Prática de vida espiritual.

Como crente em Jesus Cristo – é evidente! – não poderia permanecer nos labirintos das superstições católicas, incompatíveis com a Bíblia, a Palavra de Deus.

Jesus Cristo SOMENTE salva o pecador que, arrependido, confia nEle como seu único, exclusivo e todo-suficiente Salvador.

Jesus Cristo nunca salva quem não confia TOTAL e EXCLUSIVAMENTE nEle.

Ora, arrependido, aceitei-O como meu único, todo-capaz e sufficientíssimo Salvador.

E Ele me salvou!

Aceitando Cristo como meu ÚNICO REDENTOR, jamais poderia admitir em Maria uma co-Redentora.

Aceitando-O como ÚNICO SALVADOR, cujo sangue nos purifica de todo o pecado (I João 1:7), jamais poderia crer num chamado purgatório.

Aceitando Cristo como ÚNICO SALVADOR e, em conseqüência, impossibilitado de continuar a crer num chamado purgatório, absurdo seria concordar com o sufrágio pelos mortos.

Aceitando Jesus como ÚNICO E TODO-SUFICIENTE SALVADOR, impossível tornou-se-me crer na intercessão dos chamados “santos” católicos.

Aceitando-O como meu ÚNICO E TODO-SUFICIENTE SALVADOR, aceitei-O também como SOBERANO SENHOR de minha vida, e como poderia continuar submisso à autoridade do papa e do meu bispo?

Aceitando-O como ÚNICO E TODO-SUFICIENTE SALVADOR, absurdo seria acreditar na missa, que, segundo a doutrina católica, repete e renova incruentamente o sacrifício da cruz. À luz da Bíblia, por

exemplo, em Hebreus 10:10, 12, 14, o sacrifício de Jesus, por ser de valor infinito, é IRRENOVÁVEL E IRREPETÍVEL!

Para aceitar Jesus Cristo como meu ÚNICO E SUFICIENTE SALVADOR, precisei aceitar a Bíblia como ÚNICA REGRA DE FÉ e, por isso, jamais poderia admitir a tradição e o magistério eclesiástico como outras fontes de revelação.

Não crendo, pois, em mais nada daquilo que caracteriza o catolicismo, por haver aceitado Jesus Cristo como meu ÚNICO E SUFICIENTE SALVADOR, como poderia permanecer católico?

Pelo Espírito Santo convencido dos meus pecados (João 16:8) e, por haver confiado em Cristo, selado com o mesmo Espírito da Promessa (Efésios 1:13), precisei, por força de minha conversão, apartar-me da iniquidade (II Timóteo 2:19).

A Palavra de Deus é categórica: *“Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo”* (II Coríntios 5:17).

Por acaso a IDOLATRIA não é iniquidade?

E idolatria não é apenas culto de imagens...

O culto a Maria é idolátrico!

O purgatório é idolatria!

O sufrágio pelos mortos é idolatria!

A missa é o máximo culto idolátrico!

A submissão ao papa, o pretense vigário de Cristo, é idolatria!

* * *

Nesta dispensação da Igreja, Quem é o VIGÁRIO de Cristo no coração do crente?

É o Espírito Santo, o Consolador, o Paráclito (João 14:16, 17; 16:7, 13).

Pretende o papa usurpar o lugar do Espírito Santo.

E isso, porventura, não é idolatria?

Ou Jesus ou idolatria!

Ou Jesus ou a iniquidade!

Jamais Jesus será parceiro do pecado.

E o crente em Jesus, em virtude de sua fé, precisa apartar-se da iniquidade. Da idolatria!

“Guardai-vos dos ídolos”, ordena João no último versículo de sua Primeira Carta (I João 5:21).

“Saí do meio deles [dos ídolos] e apartai-vos”, exige o Senhor, por intermédio de Paulo (II Coríntios 6:17). E, aos coríntios, pelo mesmo Apóstolo, brada: *“Fugi da idolatria”* (II Coríntios 10:14).

* * *

POR HAVER-ME TORNADO CRENTE EM JESUS CRISTO, PRECISEI DEIXAR O SACERDÓCIO ROMANO E O CATOLICISMO

Se até o último dia em que servi a seita do papa fui sempre considerado um sacerdote exemplar, recebendo constantes elogios, não aconteceu o mesmo depois de havê-la abandonado.

Os vassalos de Roma desencadearam sobre mim perseguição infernal, sobretudo pelo seu método comum, isto é, a calúnia, a aleivosia e o achincalhe.

Poderão mobilizar todas as suas hordas satânicas que não me arredarão do propósito de continuar, Bíblia em punho, por todo o Brasil, proclamando **CRISTO, A ÚNICA ESPERANÇA.**

Ao invés, suas diatribes mais me estimulam... Mais me enchem de gozo, consoante as palavras do meu bendito Salvador: *“Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por Minha causa. Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós”* (Mateus 5:11, 12).

Os padres, com o objetivo de me desmoralizar diante dos seus fiéis, imbecilizados pelas suas arengas, saem com esta:

“ELE DEIXOU A BATINA PARA SE CASAR!!!”

Ora, vejam só que sandice! Parvoíce própria de imaturos.

Em nosso país, atualmente, há cerca de 3.000 padres que renunciaram o sacerdócio romanista para se casar. E teríamos um número maior se o papa houvesse atendido a infinidade de pedidos de dispensa do celibato que se seguiram à concessão dada ao deputado federal Pedro Vidigal, sacerdote mineiro.

Todos aqueles, mais corajosos, que mandaram às favas a mortalha da virgindade, são hoje professores, advogados, comerciantes, magistrados, etc. Mas, dentre eles, pouquíssimos são convertidos a Jesus Cristo.

Poderia, evidentemente, haver, como os outros, desistido da impostura clerical e continuado preso ao catolicismo. Graças a Deus, todavia, porque isso não aconteceu comigo!

E, se tivesse acontecido, haveria algum deslize?

Então, o casar-se é pecado? É crime?

* * *

“E disse o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma adjutora... Formou uma mulher e trouxe-a a Adão. E disse Adão: Esta é agora osso dos meus ossos, e carne da minha carne...”

Portanto, deixará o varão o seu pai e a sua mãe, e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne” (Gênesis 2:18, 22-24).

Deus instituiu o matrimônio! Ele não achou bom estar o homem sozinho, e o papa terá algum direito de achar mau que alguém tenha a sua adjutora?

O casamento é, por isso, legítimo para todos. *“Se te casares, não pecas; e, se a virgem se casar, não peca”* afirmou Paulo Apóstolo (I Coríntios 7:28). Mais do que legítimo, o casamento é honroso. *“Venerado seja entre todos o matrimônio”*, proclama Deus, o seu Autor, em Hebreus 13:4.

A dignidade do casamento é tão elevada que o seu Divino Fundador é severo em abominar o adultério.

Os padres, ignorantes da Bíblia, desconhecem estas coisas e vinculam o sacerdócio ao celibato. Se esse sacerdócio é espúrio, a lei do celibato é esdrúxula.

Com efeito, por ser continuador do paganismo, o catolicismo romano impõe aos seus ministros essa lei imoralíssima.

Na dispensação da Igreja, para que um cidadão participe do ministério divino, deve preencher certos requisitos indicados pelo próprio Deus na Bíblia.

Aliás, esse ministério só é cumprido por uma classe de pessoas chamadas em o Novo Testamento pelos seguintes sinônimos: PASTORES, BISPOS E PRESBÍTEROS.

No ministério evangélico, recordamos, os vocábulo Pastor, Bispo e Presbítero significam a mesma pessoa, cuja incumbência primordial é proclamar a Palavra de Deus. Em meu livro *“CRISTO? SIM! PADRE? NÃO!”* apresento um estudo completo sobre o assunto, ao qual o leitor deve reportar-se no interesse de se tornar suficientemente esclarecido.

E, dentre as condições para que alguém possa ser pastor (= bispo, = presbítero), Deus exige que *“seja marido de uma mulher”*, isto é, seja casado; *“que governe bem a sua própria casa, tendo seus filhos em sujeição, com toda a modéstia”* (I Timóteo 3:2, 4).

É inerente às religiões pagãs a obrigatoriedade do celibato aos seus sacerdotes.

O repúdio à Bíblia, o distintivo máximo dos cristãos falsos, leva as suas vítimas ao exercício das superstições e doutrinas de demônios, que se patenteiam também pela proibição do casamento e pela abstinência de determinados alimentos.

“Mas o Espírito expressamente diz que em tempos posteriores alguns apostatarão da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores, e a

DOURTRINAS DE DEMÔNIOS, pela hipocrisia de homens que falam mentiras e têm a sua própria consciência cauterizada, PROIBINDO O CASAMENTO, e ordenando a ABSTINÊNCIA DE ALIMENTOS que Deus criou para serem recebidos com ações de graças pelos que são fiéis e que conhecem bem a verdade” (I Timóteo 4:1-3).

* * *

É isso mesmo! A própria Bíblia é quem afirma na Primeira Carta de Paulo a Timóteo (4:1-3) que as doutrinas de demônios se distinguem pela proibição de casamento e pela determinação de abstinência de alimentos.

Qual é a seita que proíbe casamento e impõe abstinência de carne e dias de jejum?

É o catolicismo romano!

Então, o catolicismo romano é do demônio!!!

Se os padres e os seus fiéis conhecessem ao menos essas passagens bíblicas, jamais passariam pelo ridículo de dizer que eu deixei a batina para me casar, como se houvesse cometido um crime.

Mas o padre não jura ficar solteiro? O bispo não só o ordena mediante essa condição?

Sim, ele jura sempre ficar solteiro. Também eu, sob juramento, submeti-me à lei do celibato que me foi imposta.

E esse juramento, porventura, tem valor diante de Deus?

Se alguém jurar por Deus matar o seu próximo, acaso é válido este juramento? E, se cumprido, o criminoso deixa de ser réu e transgressor da Santa Lei de Deus, que proíbe matar?

Por semelhante forma, se alguém jura em nome de Deus roubar, não peca ao roubar?

É uma blasfêmia o fazer-se um juramento contrariando algum mandamento de Deus.

Deus mandou ao Homem que se casasse. Por isso, deu-lhe a mulher: *“Frutificai e multiplicai-vos; enchei a terra e sujeitai-a”* (Gênesis 1:28).

É evidente, portanto, a inutilidade do juramento quanto à submissão ao celibato clerical. Aquele juramento por mim feito, na oportunidade da minha ordenação sacerdotal, não tem valor algum. Ao contrário! Ele foi pecaminoso.

* * *

Numa cidadezinha do interior brasileiro, um senhor idoso, italiano e pai de um sacerdote, estabeleceu uma firma comercial. Sua pequena

freguesia permitia-lhe passar muitas horas a, remoendo deslambidas rezas, fitar sacos de cereais, latas de doces e conservas, tambores de querosene e maços de pregos, garrafas de pinga e pacotes de cigarros...

Visitava-o, mensalmente, como vendedor de uma indústria da capital, um jovem crente.

A conversa se estendia horas a fio...

O velho comerciante, com a pretensão de humilhar o viajante evangélico, contava-lhe as “grandezas” de sua religião – a maior – e as proezas do seu filho padre.

O crente, por seu turno, procurava evangelizar aquela vítima da idolatria.

Certa feita, o assunto da conversa derivou para o celibato clerical, defendido pelo velho com unhas e dentes.

“Padre casado? Seria o maior absurdo! Porca la madona!”, bravejava o italiano.

O moço, desejando elucidar o seu interlocutor carola, pai enfatuado de um padre, citou-lhe vários textos bíblicos sobre a instituição divina do matrimônio e sua dignidade.

Tudo o comerciante entendia. Até relatou particularidades das cerimônias do seu casamento, das suas bodas de prata e de ouro... Mas tornava-se irredutível quando o vendedor insistia que o ministro de Deus deve ser casado.

Sua fúria tingia o auge quando o seu “contendor” lhe garantia que o catolicismo romano não era a religião verdadeira, apresentando-lhe, dentre outros argumentos, esta assertiva: a imposição do celibato clerical.

Informou o negociante que o seu filho padre lhe dera uma Bíblia no dia de suas bodas de ouro. E foi buscá-la.

O jovem crente, mui seguro de suas afirmações, fez o velho ler nas primeiras páginas do volume as várias expressões de aprovação eclesiástica.

Para se demonstrar muito culto, o comerciante também leu a carta da Secretaria de Estado do papa transcrita, em língua italiana, nessa Bíblia “católica”.

O entusiasmo do genitor do clérigo durou pouco!

O jovem evangélico, respeitosamente, solicitou-lhe abrisse sua Bíblia na Primeira Epístola a Timóteo.

Atrapalhou-se o fervoroso católico e foi procurá-la no Velho Testamento, entre os livros dos diversos profetas.

Com delicadeza, o crente indicou-lhe o lugar exato dessa Carta. Pediu-lhe, então, que lesse no terceiro capítulo, os primeiros quatro versículos.

Apavorou-se o velho. Voltou as primeiras folhas de sua Bíblia para certificar-se se, de fato, era “católica” mesmo. Tornou a ler os versículos indicados. Foi, de novo, ao começo do volume para se confirmar definitivamente, lendo a dedicatória do seu filhos padre. Novamente, leu os mesmos versículos...

E ficou mastigando as sílabas das palavras: *“Convém, pois, que o bispo seja irrepreensível, marido de uma mulher... tendo seus filhos em sujeição... bispo... marido de uma mulher...tendo seus filhos...”* Não se conteve! Furioso, atirou porta afora a Bíblia e, no extremo da raiva, invectou: “Também, São Paulo era um sem-vergonha!!!”

A história dispensa comentários.

* * *

A lei disciplinar do celibato clerical obrigatório, destituída de qualquer fundamentação divina na Bíblia, estabelece excomunhão simplesmente reservada ao papa contra o sacerdote que tentar casar-se, ainda que somente no civil. Aliás, isto de se referir à lei canônica (can. 2388 – parágrafo 1 do Código do Direito Canônico) ao casamento civil é uma outra hipocrisia do legislador romanista, porque a seita nega-lhe qualquer validade e o considera simplesmente mancebia.

Note-se bem: é excomungado o padre que se casar.

Voto de celibato não é voto de castidade.

O padre se submete à disciplina do celibato. Ele não faz voto de castidade. São duas coisas muito distintas.

O padre pode ter amantes e empreender aventuras, como grande parte o faz... Pode espalhar filhos espúrios... O papa não excomunga...

Os eclesiásticos reconhecem que essa lei é o cúmulo do farisaísmo e da hipocrisia.

Mas, se tentar legalizar honestamente a sua situação conjugal, incorre nas censuras pontifícias.

Quem não conhece fatos relativos a aventuras amorosas de sacerdotes?

Os dotados de caráter não suportam essa situação e abandonam a farsa... Os covardes, os pusilânimes, medrosos de enfrentar a vida cá fora, preferem acomodar-se numa situação de dupla personalidade.

Com efeito, há muitos padres favoráveis à vida celibatária... É que perderam todo o senso de virilidade. Entregaram-se tanto à masturbação que isso lhes produziu distúrbios psicopáticos tendentes, em seu narcisismo, a repelir o contato com o sexo feminino. São os padres misógamos, e se saciam em atos sexuais solitários, inclusive dentro do confessionário.

No cúmulo do seu narcisismo, masturbam-se intelectualmente. E dizem que os seus testículos estão na cabeça...

Uma grande ala do clero, onde não se incluem esses psicopatas, desencadeou um movimento no sentido da ab-rogação da lei do celibato obrigatório.

Desde 1965, têm-se divulgado entre os sacerdotes muitas circulares reservadas com o objetivo de aglutinar os inconformados em “comitês de estudos” sobre o problema.

Essas circulares produziram abaixo-assinados, posteriormente entregues aos bispos participantes do Concílio Ecumênico Vaticano II, porque os padres nutriam esperança de acolhida favorável.

Dentre os diversos documentos desse gênero que possuo, menciono o abaixo-assinado dos padres do bispado de Campina Grande, no Estado da Paraíba, com a data de 2 de setembro de 1965, entregue ao seu ordinário, Dom Manuel Pereira.

Nesse documento, os sacerdotes signatários declaram: “A grande maioria dos que atualmente se acham sob a lei do celibato, se lhes for feita uma abordagem honesta, liberta de prejuízos carreiristas ou de constrangimentos social e penal, responderão estarem convictos de que se lhes impõe em Nome de Deus uma obrigação que Deus só pede em determinados casos a determinados indivíduos. Quase todos dirão sentirem-se chamados ao sacerdócio, embora não se sintam vocacionados ao celibato. Essa associação essencial entre sacerdócio e celibato repugna ao Evangelho, criando uma consciência dividida e, com ela, o farisaísmo e a hipocrisia”.

Eis aí a parte de um depoimento de padres no exercício de suas funções eclesiais!

Prosseguindo no seu clamor lancinante, apontam vários inconvenientes dessa lei anti-humana e anti-divina, inclusive um de aspecto psicológico: “O fato de boa parte dos sacerdotes, a juízo de eminentes psicólogos, oferecem uma personalidade imatura ou deficiente”.

São esses os líderes de uma religião que se blasona de ser da maioria do povo brasileiro... Eles mesmos reconhecem justeza na constatação de eminentes psicólogos: “Boa parte dos sacerdotes é composta de imaturos ou deficientes”.

Através de uma circular reservada, enviaram os “comitês de estudos” a todos os padres um modelo de petição a ser dirigida, sub secreto, por todos eles, durante a Terceira Fase do Concílio Ecumênico Vaticano II, em 1965, para o seguinte endereço: Emmi. e Revmi. Sig. Cardinali Moderatori del Concilio Vaticano II – c/o Emme. Sigt. Card. Julius Doepfner – Pontificio Collegio Germanico – Ungarico – Via San Nicolino da Tolentino, 13 – Roma (Itália).

O bispo de Lins, no Estado de São Paulo, Dom Pedro Paulo Koop, em princípio de outubro de 1965, pretendeu apresentar ao Concílio uma moção pró-exame do problema. Bateu-se valentemente. Mas foi barrado pelo papa, inclusive com a ameaça de ser destituído de sua diocese. E, para que não houvesse mais o risco de outro prelado apresentar o assunto em plenário, o papa, ditatorialmente, implantou a lei do ferrolho sobre a questão.

Apenas por estas poucas referências, observa-se em que conceito o próprio clero tem o seu celibato.

Essas referências, outrossim, revelam a impostura da justificativa: “ELE DEIXOU A BATINA PARA SE CASAR!!!”

.oOo.

